



casa da música

23 DEZ | 2012

# ORQUESTRA BARROCA CASA DA MÚSICA

18:00 SALA SUGGIA

Laurence Cummings *direcção musical*

Pedro Castro *flauta de bisel e oboé*

## 1ª parte

### Gaetano Maria Schiassi

Sinfonia Pastoral para o Santíssimo Natal do nosso  
Senhor Jesus [C.1720-30; C.9MIN.]

1. *Adagio*
2. *Allegro*
3. *Largo spiccato*
4. *Andante*

### Georg Philipp Telemann

Ouverture em Lá menor, para flauta de bisel e cordas,  
TWV 55: a2 [C.1710; C.28MIN.]

1. *Ouverture*
2. *Les Plaisirs*
3. *Air à l'Italien*
4. *Menuet I – Menuet II*
5. *Réjouissance*
6. *Passepied I – Passepied II*
7. *Polonaise*

## 2ª parte

### Charles Dieupart

Concerto a 5 em Lá menor, para oboé e cordas  
[C.1720; C.5MIN.]

1. *Vivace*
2. *Grave e staccato*
3. *Allegro*

### Antonio Vivaldi

Concerto para orquestra em Si menor, RV 168  
[C.1730; C.6MIN.]

1. *Allegro*
2. *Andante*
3. *Allegro*

### Georg Philipp Telemann

Suite Festiva em Lá maior [C.1710-20; C.18MIN.]

1. *Ouverture*
2. *Marsch*
3. *Plainte*
4. *Gavotte – Trio*
5. *Passepied*
6. *Double*
7. *Gigue*

Notas ao programa disponíveis em [www.casadamusica.com](http://www.casadamusica.com),  
na página do concerto ou no separador DOWNLOADS.

---

FRANÇA 2012

---

## Laurence Cummings *cravo e direcção musical*

Laurence Cummings é um dos músicos mais versáteis dentro da corrente da interpretação histórica em Inglaterra, como cravista e como maestro. Foi bolsheiro de órgão no Christ Church em Oxford, onde se graduou com distinção. Em 1996 foi nomeado director dos estudos de Performance Histórica na Royal Academy of Music. É director musical da Tilford Bach Society e membro da Handel House em Londres. Desde 1999 é director do Handel Festival de Londres e acaba de terminar o seu primeiro ano como Director Musical do Festival Internacional Händel em Göttingen. É maestro titular da Orquestra Barroca Casa da Música.

Tem dirigido várias óperas para a English National Opera, o Festival de Ópera de Glyndebourne, a Ópera de Gotemburgo, a Ópera de Garsington, a English Touring Opera, a Opera Theatre Company no Reino Unido, Irlanda e Nova Iorque, o Linbury Theatre Covent Garden, na Casa da Música do Porto e na Royal Academy of Music de Londres. Estreou-se nos EUA dirigindo *Orfeo* com a Handel and Haydn Society em Bóston.

As suas muitas gravações incluem a primeira gravação do recentemente descoberto *Gloria* de Händel com Emma Kirkby e a Royal Academy of Music (BIS) e discos em recital como solista em cravo, incluindo música de Louis e François Couperin (Naxos). Gravou também para a Deutsche Harmonia Mundi e para a Sony BMG. No início de 2011, foi editado um disco de concertos de Corelli para a Harmonia Mundi, em que dirige o English Concert e o flautista (bisel) Maurice Steger. Entre os seus planos futuros incluem-se produções para as Óperas de Zurique, Lyon e Glyndebourne, concertos com o English Concert, Filarmónica Real de Liverpool, St. Paul Chamber Orchestra e Orchestra of the Age of Enlightenment, para além dos seus compromissos no Porto e no Festival Händel de Göttingen. Nos EUA, fará a sua estreia na Metropolitan Opera de Nova Iorque.

## Pedro Castro *flauta de bisel e oboé barroco*

Pedro Castro nasceu em 1977 no Porto. Diplomou-se pela Escola Superior de Música de Lisboa sob a orientação de Pedro Couto Soares e pelo Conservatório Real de Haia, na Holanda, sob a orientação de Sebastian Marq (flauta) e Ku Ebbinge (oboé barroco). No âmbito do Mestrado em Artes Mmusicais na Universidade Nova de Lisboa realizou a tese “Serenata L’Angelica – um estudo performativo”.

A sua actividade profissional inclui várias orquestras e agrupamentos de instrumentos históricos nos principais centros artísticos europeus. Em Outubro de 2009 dirigiu a estreia moderna da Serenata *L’Angelica* de João de Sousa Carvalho. Em 2012 dirigiu a ópera *Paride ed Elena* no âmbito de um projecto do estúdio de ópera da ESML. Como solista apresentou-se com a Orquestra Capela Real, Orquestra Divino Sospiro e Orquestra Barroca Casa da Música com concertos para oboé e orquestra de Vivaldi, Te-

lemann, Marcello e J. S. Bach. No oboé clássico e com o Quarteto Arabesco apresentou-se com o quarteto de Mozart, ícone do repertório virtuosístico do Classicismo. Colabora também com o agrupamento Sete Lágrimas, com o qual realizou várias gravações.

É coordenador artístico do Concerto Campestre. É doutorando na Universidade de Aveiro onde realiza uma investigação académica sobre a tradição das serenatas de corte em Lisboa.

## ORQUESTRA BARROCA CASA DA MÚSICA

### Laurence Cummings *maestro titular*

A Orquestra Barroca Casa da Música formou-se em 2006 com a finalidade de interpretar a música barroca numa perspectiva historicamente informada. Para além do trabalho regular com o seu maestro titular, Laurence Cummings, a orquestra apresentou-se sob a direcção de Harry Christophers, Fabio Biondi, Antonio Florio, Daniel Sepec, Rinaldo Alessandrini, Andrew Parrott e Paul Hillier, na companhia de solistas como Andreas Staier e agrupamentos como The Sixteen ou o Coro Casa da Música. Em 2012, voltou a colaborar com o cravista Andreas Staier e o violinista Daniel Sepec, e foi pela primeira vez dirigida pelo francês Christophe Rousset. Os seus concertos têm recebido a unânime aclamação da crítica nacional e internacional.

A OBCM apresentou-se em digressão em várias cidades portuguesas e também em Espanha (Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza), Inglaterra (Festival Handel de Londres) e França (Festivais Barrocos de Sablé e de Ambronay). Fez a estreia portuguesa da ópera *Ottone* de Händel e, em 2012, a estreia moderna da obra *L’Ippolito* de Francisco António de Almeida.

Na temporada de 2013, a OBCM interpreta obras tão célebres quanto *As Quatro Estações* de Vivaldi, *Il Trionfo del Tempo e del Disinganno* de Händel, ou a *Oratória de Natal* de Bach. A música sacra merece destaque, com a apresentação do *Te Deum* de António Teixeira numa versão encenada, ou o *Stabat Mater* de Vivaldi na voz de Franco Fagioli e sob a direcção de Riccardo Minasi, ambos em estreia na Casa da Música. Rinaldo Alessandrini, destacado maestro e senhor de uma das maiores discografias do Barroco, dirige a Orquestra Barroca num concerto com a soprano Roberta Invernizzi.

A OBCM editou em CD gravações ao vivo de obras de Avignon, D. Scarlatti, Carlos Seixas, Avondano, Vivaldi, Bach, Muffat, Händel e Haydn, sob a direcção de alguns dos mais prestigiados maestros da actualidade internacional.

### Violinos I

Huw Daniel  
César Nogueira  
Bárbara Barros  
Cecília Falcão  
Prisca Stalmarski

Eunjung Anna Ryu  
Miriam Macaia

### Violas

Trevor McTait  
Raquel Massadas

**Contrabaixo**  
José Fidalgo

### Oboé

Pedro Castro  
Andreia Carvalho

### Violinos II

Reyes Gallardo  
Ariana Dantas

### Violoncelos

Filipe Quaresma  
Ana Vanessa Pires

### Fagote

José Gomes

PATROCINADOR  
FRANÇA 2012

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS EDIÇÕES  
CASA DA MÚSICA

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

L'ORÉAL  
PARIS

INSTITUT  
FRANÇAIS

AMORIM

RÉSEAU  
VARESE

Programa «Culture»

reseo

REMA

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO EUROPEAN  
CONCERT HALL  
ORGANISATION

## Georg Philipp Telemann

MAGDEBURGO, 14 DE MARÇO DE 1681

HAMBURGO, 25 DE JUNHO DE 1767

### Ouverture em Lá menor para flauta de bisel e cordas Suite Festiva em Lá maior

A formação musical de Georg Philipp Telemann foi em grande parte autodidacta, mas tal não o impediu de assimilar as principais técnicas e estilos musicais do seu tempo. Oriundo de uma família de pastores luteranos (o seu pai era diácono em Magdeburgo), tinha apenas alguns parentes distantes ligados à música, pelo que o horizonte de uma carreira profissional no domínio da arte dos sons não era evidente e o jovem Telemann teve de afirmar a sua vocação face às pressões para seguir uma carreira universitária.

A sua educação humanística foi ampla e, ainda adolescente, já escrevia versos em latim, alemão e francês. Aos dez anos tocava flauta, violino e instrumentos de tecla e em breve começou a compôr pequenas peças vocais e instrumentais. Todavia, o seu único período de aprendizagem musical regular decorreu nos anos em que frequentou o liceu de Magdeburgo, onde estudou com Benedikt Christiani, compositor de música sacra. O maior contributo para a aprendizagem da composição foi o estudo directo das partituras dos grandes mestres. Por outro lado, as visitas que efectuou durante a juventude a centros musicais como Hanôver e Braunschweig permitiram-lhe entrar em contacto com o repertório instrumental francês e com a ópera italiana.

Entre 1705 e 1708, Telemann foi mestre de capela do Conde Erdmann von Promnitz, em Sorau, um grande entusiasta da música francesa. Segundo o testemunho do próprio compositor, durante este período foi obrigado a compôr duas centenas de Overtures (ou Suites) para orquestra ao gosto francês na linha de Lully e Campra e continuou a cultivar o género até ao final da vida. É possível que Telemann tenha escrito perto de 600 suites orquestrais, mas hoje conhecem-se apenas 130. A última foi dedicada ao landgrave de Hesse-Darmstadt em 1766.

Johann Adolf Scheibe escreveu que entre os alemães foram principalmente Telemann e Fasch a dar provas no género da *Ouverture*, referindo que o primeiro se distinguiu de tal modo neste campo que “podemos dizer, sem ser acusados de lisonja, que imitou os franceses, e acabou por os ultrapassar na sua música nacional” (*Der Critische Musicus*, Hamburgo, 1745). O termo *Ouverture* designava uma suite formada por uma série de danças estilizadas e outros trechos, introduzidas por uma Abertura à francesa (ou seja, com a sucessão de andamentos lento-rápido-lento e tópicos musicais como os majestosos ritmos pontuados na secção inicial). As danças eram inspiradas na música de vários países para além da França. Nas suites de Telemann encontramos danças alemãs, italianas, espanholas, irlandesas e escocesas, entre outras. Algumas peças de carácter mais pitoresco levaram mesmo Johann Mattheson a escrever que as melodias tinham “qualquer coisa de extraordinário”, levando a crer

que “provinham de compositores de corte do Pólo Norte ou do Pólo Sul” (*Grundlage einer Ehrenpforte*, Hamburgo, 1740). Algumas destas obras tinham carácter descritivo, como é o caso da suite *Wassermusik* ou da *Ouverture Burlesque de Quixotte*.

A *Ouverture [Suite] em Lá menor para flauta de bisel e cordas*, TWV 55: a2, foi provavelmente composta entre 1710 e 1715 e constitui um dos primeiros testemunhos alemães de uma forma híbrida que pode ser designada como *Ouverture* concertante, já que reúne elementos do concerto italiano e dos modelos formais e estilísticos da suite francesa. Podemos assim encontrar aspectos da técnica do *ritornello* aplicada à parte central da Abertura e os andamentos de dança que lhe sucedem são também objecto de uma redefinição graças à introdução de elementos concertantes. Referências aos idiomas musicais de várias nações europeias emergem de títulos como “Les plaisirs”, “Réjoissance” ou “Polonaise” para além dos habituais Menuets e Passepieds. Uma grande ária “da capo” designada como “Air à l’Italien” ocupa o centro da obra, levando a flauta de bisel solista a encarnar uma espécie de diva operática instrumental.

## Antonio Vivaldi

ENEZA, 4 DE MARÇO DE 1678

VIENA, 28 DE JULHO DE 1741

### Concerto para orquestra em Si menor, RV 168

Os modelos mais comuns de concerto instrumental cultivados entre os finais do séc. XVII e meados do séc. XVIII podem dividir-se em três categorias principais: *concerto grosso*, concerto a solo e *concerto di gruppo*, este último também por vezes designado como concerto para orquestra ou concerto para cordas. Cada uma delas era, porém, suficientemente flexível para permitir múltiplas variantes. Embora não se encontrem entre as obras mais conhecidas de Antonio Vivaldi, os *concerti di gruppo* têm um lugar central na produção do grande compositor veneziano.

Filho de um dos violinistas da capela da Basílica de São Marcos, Vivaldi teve um papel crucial no desenvolvimento do concerto, expandindo em várias direcções os caminhos trilhados anteriormente por compositores como Corelli e Torelli e contando com as exímias instrumentistas do *Ospedale de la Pietà* como intérpretes. Neste tipo de instituições, destinadas a acolher órfãs e filhas ilegítimas, o ensino era muito completo e os resultados foram muito importantes para o desenvolvimento da prática musical italiana da época. O sucesso das apresentações públicas do *Ospedale de la Pietà* (do qual Vivaldi foi director, compositor, mestre e superintendente geral entre 1703 e 1740) é testemunhado por numerosos relatos de viajantes estrangeiros.

Entre as mais de cinco centenas de concertos de Vivaldi, predominam as obras para solista e orquestra, mas existe igualmente um conjunto considerável para dois ou mais solistas e um grupo de peças destinado apenas a cordas e baixo contínuo. Este último totaliza 59 obras

com designações como “Concerti”, “Concerti per Archi”, “Ripieni” ou “Sinfonie”. As composições para orquestra e baixo contínuo catalogadas por Peter Ryon entre os números RV 109 e RV 169 reúnem páginas com uma grande variedade de natureza e funções: *Sinfonie avanti l'opera*, destinadas a anteceder um *drama per musica*, e peças destinadas ao concerto, fosse este sacro ou profano. É difícil estabelecer um critério sólido na sua classificação, já que o próprio Vivaldi não é muito consistente nas designações.

A ausência de um solista virtuoso ou, nas palavras de Rinaldo Alessandrini, a “ausência de um ego triunfante” permitiu a Vivaldi concentrar-se mais nas riquezas de detalhes do conjunto e nas questões puramente musicais. O compositor vê-se assim confrontado com “uma concepção musical absoluta já que não pode dispôr da extroversão do solista de serviço”. Deste modo, encontramos grande variedade de texturas, da escrita fugada ao estilo homofónico. Alguns concertos surpreendem pela economia do material temático, pelo engenho rítmico e pelo sentido teatral. A dinâmica por patamares, efeitos de eco ou de claro/escuro são outros recursos habituais, assim como a peculiar dimensão pictórica vivaldiana dos andamentos lentos. A Sinfonia em Si menor RV 168 subsiste apenas em fontes manuscritas que se encontram na Suécia, o que atesta a circulação deste tipo de obras. Correspondente à habitual estrutura tripartida da Sinfonia (ou Abertura à italiana), caracteriza-se pela extrema vivacidade e energia rítmica dos andamentos extremos (*Allegro*), em contraste com a serena e inspirada melodia do *Andante* central.

## Gaetano Maria Schiassi

BOLONHA, 10 DE MARÇO DE 1698  
LISBOA, 1754

### *Sinfonia Pastorale per il Santissimo Natale di nostro Signr. Jesu*

Membro da prestigiada Accademia Filarmonica de Bolonha, o compositor e violinista Gaetano Maria Schiassi esteve ao serviço da corte do Duque Alderano Cybo-Malaspina de Massa e Carrara – a quem dedicou os seus *Trattenimenti per camera* em 1724 – e do landgrave de Darmstadt antes de se fixar em Lisboa a partir de 1734. Nos anos anteriores, várias das suas óperas e oratórias foram interpretadas em palcos italianos, destacando-se a sua versão da *Didone abbandonata* no campo da ópera séria, mas também a comédia *La Zanina finta contessa*, com recurso ao dialecto bolonhês.

Com a excepção das referências de Manuel Carlos de Brito no seu livro *Opera in Portugal in the Eighteenth Century* (Cambridge University Press, 1989), a actividade de Schiassi em Lisboa permanece por estudar, tarefa dificultada pelo facto de muitas fontes se terem perdido com o Terramoto de 1755. A correspondência trocada entre o compositor bolonhês e o Pe. Giambattista Martini (com datas entre 1735 e 1753) permite porém ter conhecimento de alguns detalhes do seu percurso e da vida musical portuguesa da época.

Schiassi teve uma ligação estreita com a Academia da Trindade, um dos primeiros teatros públicos de ópera de Lisboa, criado em 1735 e dirigido pelo violinista italiano Alessandro Paghetti. Neste espaço apresentou óperas sérias como *Farnace* (1735), *Alessandro nell'Indie* (1736), *Artaserse*, *Demoofonte*, *Eurene* e *Anagilda* (1737) e no novo Teatro da Rua dos Condes foi levada à cena em 1739 a sua ópera *Demetrio*. Schiassi terá sido também compositor do Infante D. Manuel (irmão de D. João V) e a correspondência com o Pe. Martini atesta ainda o seu contributo na composição de oratórias sobre libretos de Metastasio interpretadas em Lisboa, nomeadamente *Il sacrificio d'Isaac*, *Giuseppe riconosciuto*, *La Passione di Gesù* e *Gioas rè di Giuda*.

Em 1737, doze concertos para violino solo de Schiassi foram publicados em Amesterdão e existem várias outras fontes com obras instrumentais da sua autoria (sonatas, sinfonias, concertos e danças) em várias bibliotecas europeias, sendo porém difícil apurar se algumas delas foram compostas em Lisboa. O manuscrito da *Sinfonia Pastorale per il Santissimo Natale* encontra-se na Suécia, na Biblioteca da Universidade de Uppsala, e foi objecto de uma primeira edição moderna em 1928. Insere-se na tradição das Pastorais natalícias cultivadas pelos compositores italianos dos séculos XVII e XVIII, cujo vocabulário se tornaria propriedade comum da música europeia, tanto no âmbito do repertório religioso como no do profano. Motivos pastorais, por vezes de carácter pitoresco, surgem em concertos instrumentais (um exemplo célebre é o do *Concerto fatto per la notte di Natale* de Corelli) e peças para tecla, mas também em cantatas e na música litúrgica. Melodias dançantes, geralmente em compassos de 6/8 ou 12/8 (mas também em 3/4), frequentemente harmonizadas em terceiras paralelas, e longas notas pedal na tónica e na dominante evocando os bordões da gaita de foles são traços frequentes desse vocabulário, que também se encontra na Sinfonia de Schiassi, com destaque para o último andamento. A qualidade musical desta obra desperta a curiosidade para a restante produção do compositor, que permanece quase desconhecida.

## Charles [François] Dieupart

FRANÇA, DEPOIS DE 1667  
INGLATERRA, C. 1740

### Concerto a 5 em Lá menor, para oboé e cordas

O cravista, violinista e compositor francês Charles Dieupart desenvolveu a maior parte da sua carreira em Inglaterra, assumindo um papel bastante activo na vida musical londrina. A existência de vários músicos com o apelido Duport em França e nas Ilhas Britânicas (bem como o facto de Charles ser identificado também como François nalgumas fontes) tem gerado algumas dúvidas quanto à sua identidade e graus de parentesco com outros possíveis membros da família, entre os quais se encontra Nicolas Dieupart, instrumentista de sopro da corte francesa.

Parte da fama póstuma de Charles Dieupart deve-se às suas Seis Suites para Cravo (1701), dedicadas à Condessa

de Sandwich (filha do Earl de Rochester e provavelmente aluna do compositor) por ocasião da sua viagem a França. Estas obras foram copiadas por J. S. Bach e poderão ter servido de modelo às Suites Inglesas. Efectivamente, possuem sete andamentos (nomeadamente uma *Overture*, seguida por Allemande, Courante, Sarabanda, Gavotte, Menueto ou Passepied e Giga), contribuindo assim para a fixação da estrutura padrão da suite barroca.

No entanto, a actividade e a produção musical de Charles Dieupart foi bastante mais diversificada. O primeiro registo da sua presença em Londres encontra-se num anúncio de Fevereiro de 1703 relativo a um concerto no teatro de Drury Lane. Nessa ocasião, Dieupart acompanhou Gasparo Visconti em Sonatas de Corelli e pouco tempo depois forneceu música instrumental (hoje perdida) para a *masque* de Peter Motteux *Britain's Happiness*. Colaborou como cravista (frequentemente em conjunto com o violoncelista Nicola Francesco Haym) em várias outras produções como é o caso de *Arsinoe, Queen of Cyprus* (1705), de Thomas Clayton, e de *Il trionfo di Camilla* (1706), de Bononcini. A partir de 1707 Dieupart envolveu-se no projecto operático rival do Queen's Theatre em Haymarket, tendo escrito música para o *pasticcio* de Motteux *Love's Triumph*. Realizou também o baixo contínuo da ópera de Alessandro Scarlatti *Pyrrhus and Demetrius* em 1708 e manteve-se activo da orquestra nos anos seguintes.

Depois de 1712, Dieupart parece ter-se dedicado sobretudo a ensinar cravo nas casas da burguesia e da aristocracia. Contudo, não se retirou completamente da vida musical pública, já que vários dos seus concertos e sonatas foram tocados em Drury Lane entre 1722 e 1726. Segundo John Hawkins, o músico francês tornou-se bastante negligente no final da vida, frequentava concertos em tavernas em partes obscuras da cidade e acabou por morrer na miséria.

A produção musical de Dieupart revela grande imaginação e um controlo sofisticado da harmonia, bem como uma síntese entre os estilos francês, italiano e inglês. Terá sido um dos primeiros franceses a escrever sonatas para flauta de bisel. Os cinco Concertos que se encontram na Biblioteca de Dresden – entre os quais se inclui a obra do programa de hoje – foram provavelmente escritos para o teatro de Drury Lane na década de 1720 e terão feito parte do repertório da lendária orquestra da corte de Dresden, constituída pelos mais brilhantes instrumentistas da Europa setecentista. O discurso destas obras tem alguns pontos de contacto com a música instrumental cultivada em Inglaterra nessa época por compositores como William Babell, John Baston e Robert Woodcock, bem como com os futuros exemplos de Händel. No caso do brilhante *Concerto em Lá menor*, o oboé (ou a flauta) solista estabelece um diálogo ágil e vigoroso com a orquestra nos andamentos extremos, que contrasta com a longa e ornamentada cadência *cantabile*, pontuada pelos incisivos *staccati* das cordas, no andamento lento.